

Entrevista

ANA PAULA TAVARES

VINÍCIUS LOPES PASSOS

"A flor da poesia encarnada"

Entrevista concedida a 6 de junho de 2007, na Cinemateca de Lisboa, Portugal, a Vinícius Lopes Passos, doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa, na PUC Minas, trata de questões concernentes à obra da poeta e historiadora angolana, Ana Paula Tavares, radicada em Lisboa, versando sobre Poesia, História, feminino, educação literária e a função da literatura na ordem do mundo contemporâneo.

Quem é Ana Paula Tavares? Sem ordem que queira dizer alguma hierarquia, eu poderia começar por dizer que sou mulher, angolana, e que essas duas coisas se relacionam e me conduzem a determinada procura na linguagem, na poesia e no cotidiano, naquilo que sou no dia-a-dia. Nascer no Sul de Angola, condicionou a forma como eu olho o mundo, eu sei que eu olho o mundo a

partir disso. De resto, eu podia acrescentar que sou historiadora por formação, sou poeta quando é possível, e, às vezes, não é muito confortável ser as duas coisas, porque a História incomoda a Poesia, a Poesia enlouquece a História.

Nascida em Huíla, Sul de Angola, e radicada em Lisboa, como a senhora se sente diante das múltiplas referências culturais a que esses dois mundos podem reportar? Eu podia dizer que minha grande referência cultural continua sendo realmente Angola e, no concreto, o Sul de Angola. O fato de viver em Lisboa há tantos anos ainda não criou uma mudança fundamental na maneira como olho o mundo. Mas, é verdade, Lisboa foi uma porta para poder ver outras coisas, ler outras coisas, conhecer outras pessoas. Isso, queiramos ou não,

tem sempre influência naquilo que escrevemos e naquilo que fazemos. Quando eu digo que as minhas referências principais são aquele Sul, aquela Angola, não quer dizer que aquilo é uma espécie de jardim secreto onde eu me fecho para a criar a poesia, a poesia não pode vir só dali e nem pode estar limitada às grades desse jardim secreto. Há muita leitura, há muitos caminhos, muitas peripécias. Algumas delas, vividas e sentidas em Lisboa, tiveram influência neste lugar, neste ponto de partida.

Nas sociedades africana e americana, várias contingências sociohistóricas e políticas faz com que vivam num estuor de precariedade material e espiritual. Nessas sociedades, qual o papel que ainda cabe à literatura? Eu conheço menos a sociedade americana, conheço um pouco mais o Brasil, principalmente, porque nossas histórias (de Angola e do Brasil) estão ligadas há muitos séculos, não só por causa de todos os escravos que foram de Angola para o Brasil, como também

Quando eu digo que as minhas referências principais são aquele Sul, aquela Angola, não quer dizer que aquilo é uma espécie de jardim secreto onde eu me fecho para a criar a poesia, a poesia não pode vir só dali e nem pode estar limitada às grades desse jardim secreto. Há muita leitura, há muitos caminhos, muitas peripécias.

Angola foram escritos por brasileiros ou por pessoas que tinham alguma ligação com o Brasil. Já, no século XX, muita coisa que não podia ser escrita em Angola, foi escrita e publicada no Brasil, em Santa Catarina, por exemplo. Existe ligação estreita. Na independência do Brasil, em algumas regiões de Angola, pensou-se seriamente que Angola poderia ser independente e ligar-se ao Brasil. Mas, afinal, qual o papel da literatura? Na nossa história mais recente, história das lutas de libertação nacional contra o colonialismo português, a literatura teve papel de vanguarda. A literatura enunciou antes aquilo

porque muita gente vem do Brasil, desde o século XVII, para viver em Angola, escrever sobre Angola. Os padres, que foram os primeiros missionários, fixaram os primeiros dicionários e gramáticas das línguas banto, muitas vezes iam da Itália, faziam estágio no Brasil e, depois, voltavam a Angola. Isso não é indiferente, é bastante importante. Alguns dos melhores relatos dos séculos XVII e XVIII de

que seria colocado no plano político, no plano histórico, no plano da guerra. Depois da independência, foi a literatura que se ocupou primeiro daquela história recente. Foram livros do escritor Pepetela, por exemplo, que trataram de fixar, embora ficcionalizando sobre o assunto, não só a luta de libertação nacional, o caso mayombe, como também o

fato daquela geração da esperança ter finalmente perdido a esperança. Nesse momento, as coisas mudaram substancialmente, mudou mesmo a essência das coisas. Penso que os jovens, ainda os jovens, dão uma importância grande à literatura. Ela tem um espaço, um papel, eles procuram, e, por muito pouco crentes que todos nós da geração a que pertencemos, temos de aceitar que os jovens ainda esperam muito da literatura. Não sei se ela ainda tem propriamente um papel, mas que eles ficam à espera dessa literatura, que querem escrever, querem ser escritores, independentemente de todo resto, de

Penso que os jovens, ainda os jovens, dão uma importância grande à literatura.

Ela tem um espaço, um papel, eles procuram, e, por muito pouco crentes que todos nós da geração a que pertencemos, temos de aceitar que os jovens ainda esperam muito da literatura.

tudo que se passa, é uma verdade que temos de aceitar, lidar com ela e tentar compreender.

Em Novembro de 2007,¹ no Brasil, a senhora participará de evento em que se avaliará a situação atual do ensino e da pesquisa das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Como a senhora vê essa questão? O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

é abordado de maneira diferente nos diferentes países que usam, falam e se expressam em Língua Portuguesa. Aqui em Portugal, em minha experiência, normalmente, a nível universitário, há um pacote que se chama Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, e, às vezes, ainda é pior, Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, o que desde logo implica uma abordagem que não é muito concreta. Cada um dos países que fala português tem uma literatura com características próprias, com uma relação com as outras línguas que se falam nesses países; os países que são ilhas têm uma literatura caracterís-

¹ Trata-se do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas, "Pensando África: crítica, ensino e pesquisa", realizado pela UFRJ, UFF e Fundação Biblioteca Nacional, entre os dias 21 e 23 de novembro de 2007.

tica desses países; os outros têm outro tipo de literatura e precisavam de abordagem diferente. Abordá-la assim, como uma espécie de saco de gatos, onde cabe tudo, não me parece a forma mais correta de dar a dimensão que começa a ter e tem essa mesma literatura. No Brasil, eu não sei, sei que houve um decreto que introduziu o estudo das literaturas africanas no secundário. Isso é uma coisa demasiado recente para podermos já fazer balanço, mas, por certo, trará algum resultado dentro em pouco. E seremos beneficiados.

Um aspecto sobre o qual gostaria de falar e que me inquieta profundamente é a forma como as literaturas são estudadas nos próprios países. E nem sempre estes programas de literatura são consistentes. A abordagem muitas vezes é a abordagem da história da literatura, tal qual ela está mais ou menos canonizada e estabelecida: a literatura oral, os naturalistas, o naturismo, a literatura da independência, a literatura pós-independência, mas é de uma forma histórica que se aborda essa literatura. E, tanto quanto eu sei, ainda não são dadas ao aluno as ferramentas para um outro tipo de abordagem da literatura, faltam as ferramentas críticas para nova abordagem.

Particularmente em relação a si, a senhora tem uma dimensão do interesse pela sua obra? Fico surpreendida porque obra... não leve a mal, não é nenhum tipo de modéstia, mas fico surpreendida quando as pessoas me procuram e

me interrogam... Escrever, para mim, é inevitável, tenho tido a sorte de ser publicada e, volta e meia, sou informada de que, sobretudo no Brasil, estudam, em certos sítios, estudam um pouco aquilo que eu faço. Só espero realmente corresponder... ainda não tenho uma obra tão...importante...

Como comprovam as edições de seus livros, a senhora tem produzido e publicado regularmente. Isso imprime, suponho, um ritmo acelerado, digamos, à vida socioliterária e acadêmica que, talvez, seja incompatível com o tempo demandado pela própria escrita literária a exigir maturação das formas. É difícil conciliar a atividade de escritora com a de estudiosa de literatura? É, é muito difícil conciliar as duas coisas e a terceira que é a de historiadora. E, como eu já disse no princípio, são completamente incompatíveis. A História precisa estar longe da poesia e a Poesia fica completamente indignada com a História, de modo que confundir as duas coisas não é lá muito bom, muito saudável. Há textos da História que, por vezes, ficam demasiadamente bem escritos, ou seja, ficam com uma dimensão poética que é olhada de forma desconfiada pelas pessoas que os lêem. Por outro lado, a Poesia é lida como se tratasse de uma verdade histórica (que eu não pretendo, que não é nada). Mesmo quando ela vai buscar as suas raízes, vai fundar-se em conhecimento que a história naturalmente lhe dá, que a tradição oral naturalmente lhe dá, aquilo que é trabalhado é fic-

ção, é poesia, obedece a ritmos e regras, que não tem nada a ver com sua origem. Muitas vezes (a Poesia) é olhada como historicizando, etnologicizando...

É um pouco a questão, que se discutiu há mais de 30 anos, se o cinema é ou não etnográfico, se devia ou não ser etnográfico... A Poesia não pode ser etnográfica. O poeta é mesmo um fingidor como dizia (hoje isso está banalizado, mas não deixa de ser verdade) Pessoa, é mesmo fingidor, e tudo aquilo é fingido, não tem ali nada nem de autobiográfico, nem de etnografia, não é uma fotografia, não é uma radiografia dos estados de alma, é trabalho poético, é investimento sobre aquilo... (é evidente que uma ou outra palavra, uma ou outra frase, um ou outro provérbio me vem de culturas que eu conheço, dos povos com os quais eu trabalho), porém, depois, há ali o que tem de amadurecer, há investimento, e, às vezes, dá poema, em outras não dá.

“como é que o Paulinho Assunção, em Minas Gerais, sabes que tu publicas um livro e eu, aqui em Lisboa, não sei. Ele diz “eu não publiquei nada, isso é uma invenção do Paulinho, não fiz nada”. Eu disse “mas então se não publicaste, tem de publicar, porque, sendo um tipógrafo que chora palavras no rio Douro, is-so é matéria de literatura, isso é uma coisa extraordinária”

Em sua produção, há dois livros de crônicas, profundamente meditativos, e os demais de poemas. Entre eles, figura outro, *Os olhos do homem que chorava no rio* (2005), fantasia filosófica em torno da origem e da natureza da linguagem e da poesia. Sabe-se, no entanto, que tal volume se escreveu a quatro mãos, com o escritor Manuel Jorge Marmelo. Poderia comentar o processo de escritura desse trabalho? É quase história, porque isso partiu de uma brincadeira. O escritor brasileiro, poeta, por

quem tanto eu como Jorge Marmelo temos uma enorme admiração, Paulinho Assunção, publicou no blog dele, no blog que tinha na altura, uma notícia em que se dizia “Jorge Marmelo acaba de publicar no Porto o livro *Os olhos do homem que chorava no rio*”, sobre um tipógrafo que todos os dias vai chorar palavras para junto do rio.

E eu, que sou muita amiga de Jorge Marmelo, telefonei-lhe e disse “como é que o Paulinho Assunção, em Minas

Gerais, sabes que tu publicas um livro e eu, aqui em Lisboa, não sei. Ele diz “eu não publiquei nada, isso é uma invenção do Paulinho, não fiz nada”. Eu disse “mas então se não publicaste, tem de publicar, porque, sendo um tipógrafo que chora palavras no rio Douro, isso é matéria de literatura, isso é uma coisa extraordinária”, e ele diz “ah então tu é que tens estas idéias todas, faz tu”, eu disse “então podemos fazer os dois” e começamos a escrever por e-mail, todos os dias, um pedacinho de uma história que foi correndo, nos escapou das mãos.

No princípio havia uma espécie de plano, sabíamos que a história começava e iria terminar de uma determinada maneira, mas ela delirantemente nos foi saindo das mãos, houve pessoas que eu quis matar e que o Jorge recuperou e não morreram, e foi assim um processo que, ao fim de uns meses, tínhamos, quase sem dar conta, uma pequena novela escrita, delirante e lírica, sobre um rio que eu conheço mal. Aliás, à determinada altura, tive de ir ao Porto, porque eu estava a escrever sobre coisas que eu não conhecia, tive de ir ao Porto, tive de ver o rio, tive de ver tudo que se passava ali à volta, pois, passava a vida a escrever coisas e ia dizendo “Jorge, vê lá se não estou a dizer muitos disparates e tal”.

Ainda a respeito desse livro, nele existe uma nota em que os autores se referem à co-responsabilidade pela idéia e pelo título ao escritor mineiro Paulinho Assunção.

Nesse caso, o livro resultou de um encontro, entre três sujeitos distintos, absolutamente produtivo. Esse diálogo com o outro e sua efetiva colaboração é algo que se realizou em determinado momento de seu percurso, mas, gostaria de saber, ficou a abertura para experiências de natureza semelhante? Eu já contei como foi, foi realmente diálogo, resultou desse diálogo que existia entre nós três, O Paulinho escreveu uma belíssima carta que nós decidimos anexar ao livro, e assim a triangulação fez-se, Luanda-Minas Gerais-Porto. Não pensamos propriamente em fazer outra coisa, estamos bem abertos, quem sabe o que se pode acontecer... ou não. Há alguns poetas com os quais às vezes me acontece fazer diálogos, eles nem sabem e há muita coisa que eu não publiquei, mas que, se um dia publicar, é por causa de poetas, inclusive brasileiros, cuja poesia despertou em mim a vontade de escrever coisas para lhes mandar, talvez um dia mande...

Considerando sua produção poética até o presente, verifica-se nela a vocação para a dádiva. No entanto, ao contrário do que se poderia pensar, essa poesia dadivosa não é tépida nem conformista. Fico me perguntando como concertar tal vocação com um seu contrário que é a insurreição? Acho que o princípio é insurreição, que realmente tudo começou, pelo menos o ato público, uma vez que eu escrevo desde muito pequena e nunca senti necessidade de publicar, só por volta dos trinta e poucos anos senti essa necessi-

dade, mas tudo se publicou exatamente por isso, por uma vontade de gritar, de não alinhar, de não fazer uma poesia como toda gente estava fazendo naquela altura, ou pelo menos grande parte das pessoas estava fazendo... Agora há maneiras e maneiras de dizer as coisas e eu penso que há ali muitos gritos, ditos de uma forma muito suave, que pode parecer suave, que

pode parecer a dádiva, mas é, no fundo, aquela dádiva que diz "eu estou aqui e estou a gritar", "estou inserida no meio de tudo quanto está a acontecer", é esse tipo de escrita, mais próxima da insurreição do que da dádiva, mesmo quando o enunciado é o da dádiva.

Em *Dizes-me coisas amargas como frutos* (2001), os poemas colhidos são, por assim dizer, filhos da tristeza. Castração/mutilação, vazio/ausência instituem graus de uma possível identificação/não-identificação entre as subjetividades líricas instituídas nos poemas. Não lhe parece que o eros aí vive em conflito? Há um conflito permanente, porque todo esse livro foi escrito talvez durante o período

"Há alguns poetas com os quais às vezes me acontece fazer diálogos, eles nem sabem e há muita coisa que eu não publiquei, mas que, se um dia publicar, é por causa de poetas, inclusive brasileiros, cuja poesia despertou em mim a vontade de escrever coisas para lhes mandar, talvez um dia mande..."

mais terrível da guerra em Angola, eu não conseguia em nenhum momento afastar-me muito dessa permanência diária, dessa aflição diária das mães que ficaram sem filhos, das noivas que ficaram sem maridos, daquela esperança, no fundo de todas as mulheres, de que a coisa se resolvesse e nunca mais se resolvia.

Era um arrastar de mortes permanentes, de tristeza

e, por isso, Eros está muito em conflito porque, durante esse período, era Thanatos quem ditava as leis. E Eros, mesmo com suas regras de impor a vida, de ordenar a vida e, claro que a vida não parou, o país não parou, realmente foi um período muito, muito complexo, que felizmente terminou e que eu espero que nunca mais, nem de sombras regresse.

***Ex-votos* (2003) parece seguir outro caminho, mais afirmativo da vida e possibilitando a fusão do eu lírico com a natureza e a comunidade. As cicatrizes no corpo, efeito da violência e do sacrifício, escondem, entretanto, a memória que se erige por meio dos objetos do culto, destinados**

a animar o fogo da tradição, agora recuperada. Fico pensando, e agora precisamente me vêm as imagens alusivas ao trânsito e ao transitório presentes em *Ritos de passagem* (1985) e *O lago da lua* (1999), se o caminho de sua poesia também não seria aquele que nos ensina a morrer... Sim, é verdade, se não ensina a morrer, ou, se não pretende pelo menos seguir esse caminho, pretende esse livro concretamente, *Ex-votos* (2003), criar um bom diálogo, diálogo de apaziguamento entre vivos e mortos, entre passados e presentes. Há provérbios africanos que me marcaram muito e que têm que ver com isso: os mortos partem para que os vivos possam viver em paz. Enquanto no outro livro havia muita muita inquietação e que os mortos realmente partiam, mas as pessoas às vezes não sabiam que eles tinham partido, não havia nenhum momento de quietude, não havia possibilidade sequer de prestar os votos aos antepassados como deve ser feito. De fazer o óbito, fazer o enterro com todos os cerimoniais (...)

Ex-votos (2003) é um livro que é mais um pacto com a memória. “Eu fiz um voto e agora estou aqui com os meus ex-votos, milagre que Nossa Senhora, como se fosse assim, como Nossa Senhora da Pedra Preta fez no dia tal e não sei o quê, vim trazer as minhas oferendas, venho apaziguar.” Foi pelo menos essa tentativa e fico contente que tenha percebido, porque *Ex-votos* é um livro que até hoje foi um pouco mal entendido, mal percebido.

Em *A Cabeça de Salomé* (2004), inverte-se a narrativa bíblica e é a cabeça da mulher que se oferece em meio a um mundo sinesteticamente referido pela linguagem. A dimensão mítico-poética não facilita nada ao leitor; é necessário que ele abandone por alguns instantes suas próprias referências e busque a imersão naquele universo primordial. Embora não seja um livro de preceitos, não há, nesse livro, a sugestão moral da humildade? Há sugestão de humildade perante a riqueza das culturas do país onde eu nasci e perante a riqueza daqueles cotidianos e a tentativa de resgatar isso pela escrita. E, ao mesmo tempo, de prestar um tributo a todos os ensinamentos da humanidade, foi propositada esta escolha do mito bíblico e de o inverter, de o pôr ao contrário, porque eu sei que há muitas Salomé e muitos Joãos Batistas, mas acho que há mais cabeças de Salomé do que realmente cabeças de João Batista. (Se tivermos uma linguagem muito primária, muito básica, se tivermos em conta a vida das mulheres naqueles países).

Foi uma tentativa de humildemente prestar tributo aos grandes livros dos princípios que eu li. O Antigo Testamento é um deles, mas também outros livros das origens, os livros... pequenas traduções de cantos wolof que nos trazem a criação do mundo, contos ameríndios também ligados à criação do mundo, foi uma tentativa de ir buscar esses universos e os tentar resgatar com a escrita.

Aliás, muitas das crônicas, que depois

reuni para A cabeça de Salomé (2004), ou algumas delas, foram publicadas no jornal Público, numa rubrica que se chamava "A pequena pista do Antílope". "A pequena pista do Antílope", entre os chokoe, que são um povo do nordeste de Angola, que faz (por exemplo, esta entrevista que nós estamos aqui a fazer,

se eles tivessem a fazer, teriam esta areia alisada e, à medida que iam falando, contando as histórias, iriam desenhando na areia, fazendo os famosos) desenhos na areia que eles chamam escrita.

Aquilo é uma escrita complexa, tem regras, tem tudo, e eles consideram que o ideograma mais pequeno, aquele que seria mais pequeno e mais frequente [isto (aponta o a capa do livro) é feito por Luandino Vieira, mas é retirado, é inspirado nesse tipo de escrita], os chokoe consideram que o que equivaleria à letra A do nosso alfabeto, talvez a vogal mais frequente em todas as nossas palavras, seria a tal pequena pista do Antílope, que é o ideograma mais simples...

No fundo, essas histórias eram busca dessas mesmas origens e depois tra-

"... foi propositada esta escolha do mito bíblico e de o inverter, de o pôr ao contrário, porque eu sei que há muitas Salomé e muitos João Batistas, mas acho que há mais cabeças de Salomé do que realmente cabeças de João Batista."

balhá-las numa escrita complexa e aparentemente longe das referências cotidianas dos leitores normais. Escrevi o que tem a ver muito com essas escritas primeiras que eu consultei, de todos os cantos do mundo, não só de Angola, não só de África.

Em Manual para amantes desesperados (2007), o amor

demonstra-se por um sujeito poético que percebe o corpo como lugar de fronteira entre si mesmo e o amado, entre o individual e o social. Então, nos poemas, da nudez suposta da entrega à perfuração da pele pelas escarificações, o corpo se representa atravessado do exterior para o interior, transformando-se num corpo penetrado. Qual a importância do corpo para sua poesia? O corpo está muito presente. Não quero apropriar-me do corpo enquanto objeto, nem transformá-lo em objeto, mas o corpo como lugar de inscrição de tudo, das escarificações, das tatuagens, das feridas; o corpo da terra onde nós também podemos inscrever as nossas próprias transformações. Desde o neolítico que passamos a vida a transformar a terra como vontade...

Essas palavras corpo e fronteira estão ligadas. Tento pelo menos não fe-

char as fronteiras do meu corpo, embora esta até seja uma frase que eu uso muitas vezes, mas entendo que o corpo pode ser lugar de fronteira, mas não a fronteira que fecha, mas a fronteira a partir da qual começa outra coisa qualquer e, então, é o corpo da mulher, é o corpo da terra, é o corpo do país, é o corpo da nação, é o corpo do universo, são aqueles desertos imensos que não indicam propriamente uma geografia, mas indicam os vazios de dentro, as montanhas de dentro, as dunas de dentro, a areia de dentro... É um pouco isso, esse jogo de metáforas (e não são metáforas) com o corpo, extraindo dele todos os sentidos que eu consigo extrair, ou não são todos, mas são aqueles que eu posso e que eu consigo e sou capaz.

Tanto neste último livro como nos demais, sua poesia potencializa a figura da mulher como guardiã da casa, da memória e do silêncio. Voz poderosa, feita para as bênçãos e as maldições, a mulher imunda o mundo com seu hálito antigo, da antiguidade do barro, matéria com a qual muitas vezes se confunde. Escrever o feminino deve ser uma empreitada dura mesmo para a mulher, não? É verdade, primeiro porque já não é tão moda, não é? Agora quando as pessoas querem escrever alguma coisa no feminino não se esquecem nunca de dizer “estudo das mulheres na problemática da abordagem dos estudos pós-coloniais blá blá blá”, jamais ninguém se atreve a “sou feminista e pronto”, eu própria duran-

te uma parte de minha vida não tive problemas quando precisei assumir este lado feminino da coisa, e noutra fase da vida tive, não era bem medo, mas quando abria a boca e “lá vem ela falar de mulheres, de cultura, de boléias e de coisas assim semelhantes e menores”, então, eu dizia “bom, isso não é uma escrita feminista, mas é uma escrita feminina e... as pessoas às vezes abordam os problemas cheias de dedos quando podem dizer as palavras de forma bruta e pronto, né?”

E, no fundo, eu não posso escrever sobre coisas que eu não conheço e o universo que eu conheço melhor é, e mesmo assim sabe-se lá com quantas dificuldades, é o universo das mulheres, das mulheres do meu país, que suportaram o país às costas enquanto os homens partiam para a guerra, morriam na guerra. Das mulheres que aceitaram ainda hoje ser a segunda, a terceira ou a quarta mulher de um marido, porque isso lhes permite ter um cartão, ter acesso à alimentação etc; das mulheres, embora neste momento o processo tendencialmente esteja modificado, mas que eram as analfabetas quando o país se tornou independente. Se o país tinha 95% de analfabetos, no caso das mulheres, era 99%.

Há muita matéria pra trabalhar aí. Não quer dizer que a mulher não tenha um poder, realmente, como notam. Têm este poder enorme... há mulheres que estão na rua, chamadas quínguilas ou quínguilas, com o dinheiro, são elas que trocam o dinheiro no mercado in-

formal, e elas conseguem hoje, em Luanda, na rua, sem estarem ligadas à internet, sem nada, mas elas ao longo do dia sabem todos os câmbios, as pequenas desvalorizações ou valorizações do dólar, se acontecem da manhã para tarde, elas sabem.

Estão na rua, elas são mulheres poderosas, elas controlam todo o mercado informal, no fundo está tudo aqui nas mãos

dessas mulheres. Mas, por detrás de cada uma, há um homem a quem elas prestam contas e entregam o dinheiro e têm uma certa submissão... Há muito ainda que falar independentemente dos rótulos, se são estudos femininos ou feministas. Na questão dos estudos pós-coloniais, não me importo nada com os rótulos, o que me importa realmente é continuar a trabalhar nas coisas onde possa trabalhar, porque trazer para o meu trabalho o universo feminino é trazer os homens, é trazer as crianças, é trazer o país, é trazer a guer-

“E, no fundo, eu não posso escrever sobre coisas que eu não conheço e o universo que eu conheço melhor é, e mesmo assim sabe-se lá com quantas dificuldades, é o universo das mulheres do meu país, que suportaram o país às costas enquanto os homens partiam para a guerra, morriam na guerra”

ra, é trazer tudo, e vou continuar dentro disso até que qualquer coisa me diga “deixaste de entender”, agora há de passar, há de procurar outro caminho:

Se a cada escritor fosse dado o direito de recomendar aos leitores uma chave com a qual pudesse ler seus poemas, qual a senhora recomendaria? É Angola, com toda a distância e esta dolorosa, mas ao mesmo tempo terna...

Como quando temos uma pequenina ferida e vamos lá todos os dias coçar um pouco, invés de deixá-la cicatrizar... Angola como uma ferida, mas Angola com toda a ternura. Eu não vivo sem isso... Pode ser que a dois ou três dias mude, mas até agora eu não consegui nunca deixar... e seria sempre Angola, ainda que faça um livro outra vez a quatro mãos com um escritor que não tem nada a ver com Angola, ou outro que vive em Minas Gerais, a chave seria sem dúvida até agora essa... Angola!

Referências

- TAVARES, Ana Paula. *A cabeça de Salomé*. Lisboa: Caminho, 2004.
- TAVARES, Ana Paula. *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Lisboa: Caminho, 2001.
- TAVARES, Ana Paula. *Ex-votos*. Lisboa: Caminho, 2003.
- TAVARES, Ana Paula. *O lago da lua*. Lisboa: Caminho, 1999.
- TAVARES, Ana Paula. *Manual para amantes desesperados*. Lisboa: Caminho, 2007.
- TAVARES, Ana Paula. *Os olhos do homem que chorava no rio*. Lisboa: Caminho, 2005.
- TAVARES, Ana Paula. *Ritos de passagem*. Angola: União dos Escritores Angolanos/UEA, 1985.
- TAVARES, Ana Paula. *O sangue da buganvília*. Praia (Cabo Verde): Mindelo/Embaixada de Portugal/Centro Cultural Português, 1998.